


A PREDICAÇÃO VERBAL DE CHEGAR, IR E VIR ANTES E DEPOIS DA NGB

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-307>

Data de submissão: 19/11/2024

Data de publicação: 19/12/2024

Soélis Teixeira do Prado Mendes

Doutora em Estudos Linguísticos

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

E-mail: soelis@ufop.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3792-4974>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9854827501610868>

Maria de Fátima Barreto Lisboa

Mestre em Estudos da Linguagem

Centro Educacional Municipal de Itabirito – MG

E-mail: mfbllisboa@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6606-126X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2490675652994989>

RESUMO

O presente artigo discute a predicação intransitiva da tríade verbal chegar/ir/vir com sentido de movimento/deslocamento de um ponto a outro. Para tanto, partimos da hipótese de que a classificação atual desses verbos como Intransitivos, tendo como complemento o adjunto adverbial não era assim atribuída antes da institucionalização da NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira, em 1959. Assim, com base em Azeredo (2008), analisamos quatro gramáticas publicadas antes e depois da publicação desse Instrumento governamental e constatamos que, antes de 1959, atribuía-se a esses verbos a classificação de Transitivo Relativo, e seu complemento era chamado Terminativo. Após essa data, passam a ser classificados como Intransitivos e o complemento, Adjunto Adverbial, assim definidos por dois gramáticos. Entretanto, Bechara (1980), cuja obra também foi analisada neste estudo, e embora reconheça que, a partir da NGB, os verbos passam a ser classificados em quatro categorias, defende que a tríade seja classificada como transitivos adverbiados com o complemento adverbial, categorias que não foram oficializadas pela Nomenclatura.

Palavras-chave: Transitividade Verbal, Verbos chegar/ir/vir, Nomenclatura Gramatical Brasileira.

1 INTRODUÇÃO

Durante a prática docente, muitos estudantes dos ensinos fundamental e médio questionavam a predicação e a classificação dos complementos dos verbos *chegar*, *ir*, *vir*, com sentido de movimento/deslocamento físico, preconizadas pelas gramáticas normativas e repetidos pelos livros didáticos. Em construções usadas no português padrão, tais como (i) *Maria chegou a Lisboa*, (ii) *João virá à festa* e (iii) *Tereza foi a Santos*, e os sintagmas preposicionados [*a Lisboa*], [*a Paris*] e [*a Santos*] são classificados, de acordo com a GN, como adjuntos adverbiais, e os verbos, como intransitivos. Ocorre que, no uso oral do PB não padrão, essas estruturas podem ser assim utilizadas: (i) *Maria chegou em Lisboa*, (ii) *João virá na festa* e (iii) *Tereza foi em Santos*, e os alunos, cientes desses usos, não “conseguiram aceitar” que (i) os sintagmas [*em Lisboa*], [*na festa*] e [*em Santos*] ou mesmo [*a Lisboa*], [*a Paris*] e [*a Santos*] fossem considerados termos acessórios, e (ii) os verbos *chegar*, *ir*, *vir* tivessem classificação intransitiva.

A ausência de uma padronização na nomenclatura gramatical utilizada nas escolas e literatura didática foi uma preocupação constante entre aqueles que eram responsáveis pela educação no País. Assim, com o advento da NGB, houve a adoção de quatro terminologias de predicação verbal, a saber: intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos e de ligação; essa redução terminológica, no entanto, se mostrou carente por não conseguir contemplar uma classificação axiomática para os verbos *chegar*, *ir*, *vir* com sentido de movimento/deslocamento físico.

Esse foi, então, o gatilho para o desenvolvimento da pesquisa que fora realizada no mestrado do Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Ouro Preto, cujos resultados nos propomos a discutir neste artigo. A hipótese que subjazia à pesquisa era a de que, antes da publicação da NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira – ou seja, no período anterior a 1959, a tríade verbal supracitada não era classificada como intransitiva, mas passa a sê-lo com a instituição dessa Nomenclatura, além da proposta de alterações das terminologias.

Para os limites deste artigo, discorreremos sobre o cenário que ensejou a criação da NGB, seguida de uma apresentação e discussão das terminologias de predicação e transitividade dos verbos *chegar*, *ir*, *vir* em quatro obras publicadas em solo nacional, que se referem ao período pré-NGB, quais sejam: Ribeiro (1891), Maciel (1918), Pereira (1921) e Brandão (1963), e em quatro obras pós-NGB, que são: Tôrres (1959), Said Ali (1966), Cunha (1975) e Bechara (1980). Com relação à indicação da obra de Brandão (1963), dentre aquelas publicadas antes de 1959, vale ressaltar que, embora tenha sido publicada após a instituição da NGB, seu conteúdo mantém-se vinculado ao período anterior a ela. Em outros termos, o autor era contrário à elaboração da Nomenclatura, por isso sua obra está referendada na fase anterior à NGB.

Assim, o objetivo maior deste artigo é fazer uma comparação entre gramáticas pré e pós-NGB quanto à classificação da predicação e transitividade da tríade verbal já mencionada e o respectivo uso das terminologias, discutindo como eram tais classificações e como elas foram tratadas nas gramáticas a partir de 1959.

O presente artigo está assim estruturado: primeiramente, faremos uma breve discussão sobre como surgiu a NGB, em seguida apresentaremos o procedimento metodológico adotado, e adiante apresentamos nosso referencial teórico, com base no qual analisaremos as gramáticas pré e pós-NGB sobre o tratamento dado à tríade verbal, o que já constitui a apresentação e discussão de nossos resultados e, finalmente, apresentaremos nossa conclusão..

2 NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA (NGB): PROPOSTA DE PADRONIZAÇÃO

A partir da década de 1930, começaram a aparecer textos gramaticais com grande diversidade de terminologias gramaticais, e isso ensejou a urgência da criação de um documento normativo por meio do qual fosse possível simplificar e homogeneizar a metaligagem utilizada no espaço educacional na ocasião. Para efeitos de recorte, discorreremos, de maneira breve, sobre a NGB e as provocações suscitadas por esse instrumento linguístico na sociedade daquela época e que reverberam até a atualidade.

Para muitos estudiosos, a NGB é um documento metalinguístico que fora uma forma de conciliar o dissenso vigente à época; porém, ao se estabelecer certa divisão da gramática e recortar nomes, limitou-se e engessou-se o estudo da língua, que é dinâmica. Guimarães (1966) vai além e afirma que a NGB não se tratava exclusivamente de uma consequência organizacional do saber linguístico, mas um instrumento político, visto que, segundo ele, a estrutura da(s) sociedade(s) encontra(m)-se na configuração da língua nacional.

Em 1957, Clóvis Salgado da Gama, então Ministro da Educação e Cultura, nomeou um grupo de renomados professores de língua portuguesa para integrarem uma Comissão cujo propósito era o de elaborar o Anteprojeto da Nomenclatura Gramatical Brasileira Simplificada e Unificada. Antenor Nascentes foi designado como presidente da Comissão, enquanto Clóvis do Rego Monteiro, Celso Ferreira da Cunha, Carlos Henrique da Rocha Lima e Cândido Jucá Filho assumiram os papéis de secretário e relatores, respectivamente. Dentre os objetivos, destacam-se o de analisar o assunto e o de propor um projeto de simplificação das terminologias utilizadas em gramáticas o que afetaria o ensino da língua portuguesa. Esse trabalho teve o apoio da Diretoria do Ensino Secundário, já que as gramáticas eram utilizadas nas escolas naquela época (Silva, 2013).

Instaurada a Comissão, o Anteprojeto¹ foi encaminhado ao Ministro da Educação e Cultura, entretanto, antes mesmo da aprovação desse documento, Cândido Jucá Filho publicou a obra denominada *132 restrições ao Anteprojeto de Simplificação e Unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira*, em 1958, na qual criticava a empreitada da elaboração da referida Nomenclatura, levando-o a abandonar o grupo. Com a saída do referido especialista da Comissão, após essa publicação, Antônio José Chediack, Serafim da Silva Neto e Silvio Elia se incorporaram à Comissão, cabendo ao primeiro relatar o Projeto. Em agosto de 1957, o Anteprojeto que, além da terminologia gramatical escolar, apresentava notas explicativas e alguns conceitos básicos, sofreu novas intervenções por parte de várias universidades, de filólogos e da Academia Brasileira de Filologia. Em 1959, após a publicação da Portaria nº 36, foi recomendada a adoção da Nova Nomenclatura (Silva, 2013).

É preciso ponderar que a NGB fora concebida com base nos conhecimentos da época, quando a Linguística ainda era um estudo incipiente e não era uma disciplina ofertada de maneira obrigatória nos cursos de Letras. Os membros da Comissão possuíam formação tradicional e, provavelmente, segundo Silva (2013), transmitiram para a NGB impressões e concepções que culminaram em alguns conflitos. Isso fez com que muitos gramáticos ou outros autores apresentassem contestações e/ou esclarecimentos sobre algum ponto abordado pelo documento metalinguístico, a NGB.

Com a publicação do documento, diversas obras, naquele ano, foram lançadas com o propósito de explicá-lo: **Nomenclatura Gramatical: texto comentado** de Antenor Nascentes; **Pequena Gramática para explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira** de Adriano da Gama Kury e **Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira: exemplos e comentários** dos irmãos Hamilton Elia e Silvio Elia. Não faltaram bibliografias para tecer comentários e críticas sobre a NGB, o que nos propicia a pensar que ela “não era uma unanimidade nem mesmo entre seus signatários.” (Silva, 2013, p. 21).

Em que pesem todas as críticas recebidas, a NGB parece ter sido um avanço quanto à normatização das terminologias e das áreas da gramática. A partir daí, livros didáticos e gramáticas passaram a utilizar as mesmas terminologias. Além disso, essa Nomenclatura “facilitou não só o ensino da língua nacional, como também o aprendizado pelos alunos.” e resolveu o problema da ausência de padronização no ensino (Silva, 2013, p.21).

¹ Antes de a portaria nº 36 validar a NGB, já existia o Anteprojeto de simplificação e Unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira – Anteprojeto, que disponha de cerca de 25 páginas, com partição em: Fonética, Morfologia e Sintaxe. Conforme as leituras investidas no assunto, pôde-se perceber que a obra foi uma espécie de esboço da NGB, o documento propunha standardização quanto ao uso da terminologia gramatical aplicada nas obras publicadas e no ensino de língua portuguesa, uma vez que havia uma profusão de termos. Era exatamente a ausência de regularidade em que consistia toda a discussão.

A NGB propiciou vozes assonantes e dissonantes sobre seu papel, seja na época de sua elaboração seja na atualidade, senão vejamos: Maria Helena de Moura Neves defende a importância de estabelecer uma terminologia gramatical consistente, visando à padronização em concursos e avaliações classificatórias que requerem conhecimentos nos níveis de ensino fundamental e médio (Henriques, 2009). Todavia, Luiz Carlos Cagliari considera injustificável a existência de uma norma que obriga as editoras e autores de obras didáticas a adotarem uma determinada terminologia gramatical, e isso provoca significativo preconceito contra a linguística, quando esta “passou a ver a linguagem como um sistema que deveria ser descrito e não como um sistema que deveria ser seguido” (Henriques, 2009). De nossa parte, quanto ao tema que nos interessa, o documento, conforme discutiremos adiante, apresentou a predicação e transitividade verbal de maneira concisa e superficial. Tal procedimento nos remete ao “não-dito” de que trata Orlandi (2012), de acordo com o qual, a ausência de uma melhor discussão acerca desses assuntos silencia uma análise que poderia ter sido realizada e, por outro lado, privilegia o tratamento atomístico desses temas como se simples fossem.

3 METODOLOGIA

Com relação aos aspectos metodológicos para a realização da pesquisa, foram escolhidas oito gramáticas, das quais quatro foram publicadas no período pré-NGB; e as outras quatro, no período pós-NGB. Como obras publicadas antes de 1959, escolhemos: (1) **Grammatica Portuguesa** de Júlio Ribeiro, 3ª edição, de 1891; (2) **Grammatica Descriptiva** de Maximino Maciel, 7ª edição, de 1918; (3) **Grammatica Expositiva** de Eduardo Carlos Pereira, 13ª edição, 1921; (4) **Sintaxe Clássica Portuguesa** de Cláudio Brandão, 1963. Já para o período pós-NGB, temos: (1) **Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa** de Artur de Almeida Tôrres, 6ª edição, 1959; (2) **Gramática Secundária da Língua Portuguesa** de Manuel Said Ali, 7ª edição, 1966; (3) **Gramática da Língua Portuguesa** de Celso Ferreira Cunha, 2ª edição, 1975; (4) **Moderna Gramática Portuguesa** de Evanildo Bechara, 25ª edição, 1980. Mais adiante, explicaremos o motivo da escolha dessas obras.

Uma vez feita essa seleção, o passo seguinte foi de verificação/análise de cada uma dessas obras, atentando-se para a questão da predicação e transitividade, especificamente, dos verbos *chegar*, *ir*, *vir* com ideia de movimento/deslocamento físico. Todavia, os compêndios dos autores Júlio Ribeiro (1891), Eduardo Carlos Pereira (1921) e Artur de Almeida Tôrres (1959) não apresentaram um estudo ou seção acerca da tríade verbal que explicasse a predicação e transitividade. Assim, diante dessa ausência de esclarecimento, a opção foi recorrer a outras partes

dessas obras na tentativa de encontrar alguma referência ao tema de nossa pesquisa. Assim, ao consultarmos a seção dedicada ao estudo das preposições, inferimos a possível terminologia conferida à predicação e à transitividade desses verbos nas obras consultadas. Depois de feitas essas análises, passamos ao estudo comparativo das discussões apresentadas por essas obras a fim de verificarmos se nossa hipótese seria ou não confirmada.

A seguir passamos à discussão de nosso referencial teórico.

4 REFERENCIAL TEÓRICO: AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA

Azeredo (2008) propõe uma tipologia sintática dos verbos, conforme (i) verbos intransitivos; (ii) verbos de ligação (copulativos ou predicativos) e (iii) verbos transitivos. Com relação à tipologia (iii), o autor afirma que a classe de verbos que se encaixam nessa categoria são muito complexos, pois, segundo ele, há “várias espécies de termos adjacentes (ou complementos)” (p.214). Azeredo ainda critica a classificação desse tipo de verbos nas gramáticas escolares e nos didáticos os quais os resumem em transitivos diretos e transitivos indiretos. O autor vai além e critica a distribuição dos verbos nas categorias transitivos e intransitivos, uma vez que coloca numa mesma vala “uma grande variedade de tipos”:

Isto não é uma crítica até porque todos os nossos mestres do passado reconheciam esse fato. Não há uma fronteira rígida entre verbos transitivos e verbos intransitivos, o que há é um contínuo, em cujos extremos se encontram o verbo que sempre recusa complemento (ex. nascer) e o verbo que sempre seleciona complemento (ex. fazer). (Azeredo, 2008, p. 214-215)

Acerca disso, dentre as categorias dos verbos transitivos, o autor os subdivide em: (i) transitivos objetivos: transitivos diretos (TD), transitivos indiretos (TI), transitivos relativos (TR); (ii) biobjetivos: transitivos diretos e indiretos (TDI), transitivos diretos e relativos (T DR), transitivos diretos e predicativos (TDP), transitivos relativos e predicativos (TRP), transitivos birrelativos (TRR). Sobre os verbos TDR, que são os que mais no interessam neste estudo, o autor afirma que seus complementos se ligam aos seus verbos por meio de uma preposição, que pode ser semanticamente vazia, ou enfraquecida do ponto de vista do sentido ou mesmo ser plena semanticamente, mas, adverte o autor, em qualquer um desses casos ela vai ocorrer “por exigência do verbo (p.217).

Azeredo (2008) apresenta, ainda, um refinamento dessa tipologia porque existem subclasses de verbos transitivos relativos. “Esta classe sintática é formada pelos verbos que são necessariamente acrescidos de uma preposição quando a eles se anexa um complemento sob a forma de substantivo, pronome substantivo ou infinitivo.” (p. 221). Mais adiante, o linguista defende que a tríade verbal sob análise neste estudo se enquadra nessa tipologia mais refinada, porque são verbos de movimento (ir,

chegar, vir, passar, entrar) “ordinariamente seguidos de expressão locativa.”

Qual seria, de acordo com o autor, a distinção entre o verbo transitivo indireto e o verbo transitivo relativo? Conforme constatamos, a tríade chegar, ir, vir é considerada pertencente à classe dos verbos transitivos relativos porque exigem indicação de lugar, seja de destino ou de origem. Em segundo lugar, chegar, ir, vir não podem ser classificados como verbos transitivos indiretos, pois verbos assim classificados demandam complemento com ideia de beneficiário ou destinatário da ação.

Por fim, fica, ainda, a questão de o porquê esses verbos não serem considerados intransitivos por Azeredo. Porque, segundo ele, o complemento que indica direção, seja de origem, seja de ponto de partida, não pode ser classificado como um elemento meramente acessório (como o são os adjuntos), levando-nos a concluir, assim, que chegar, ir, vir com ideia de movimento/deslocamento físico não podem estar elencados no rol de verbos intransitivos.

A seguir, como proposta deste estudo, passaremos a analisar as gramáticas datadas do período pré e pós-NGB.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 ANÁLISE DAS GRAMÁTICAS PRÉ E PÓS-NGB: ABORDAGEM DE PREDICAÇÃO E TRANSITIVIDADE DA TRÍADE VERBAL CHEGAR/IR/VIR

No tópico anterior foi possível notarmos que, embora a proposta da NGB fosse acabar com as diferentes análises e terminologias, pelo menos em relação à transitividade dos verbos chegar/ir/vir, os estudos linguísticos nos deixam entrever que a classificação proposta por esse documento não foi adequada. Também concordamos com os linguistas, visto que o gatilho da presente pesquisa, como mencionamentos na Introdução, foram exatamente os questionamentos feitos por alunos na classe da educação básica.

5.1.1 *Grammatica Portuguesa*, de Júlio Ribeiro

Para o presente estudo, justifica-se a seleção desta gramática por ser uma das primeiras a ser escrita em solo brasileiro. Assim, analisou-se o conteúdo referente ao tema deste artigo na terceira edição, 1891. Na seção *Lexicologia*, subseção *Morphologia*, parte dedicada à *Taxonomia* do assunto Verbo, Ribeiro apresenta registro sobre a predicação e transitividade verbal, vejamos:

158. *Verbo* é uma palavra que enuncia, diz ou declara alguma cousa. O *verbo* implica sempre uma asserção ou predicação.

159. Divide-se o verbo em verbo *intransitivo* e verbo *transitivo*.

160. Verbo *intransitivo* é o que enuncia um estado, ou mesmo uma acção que não se exerce diretamente sobre um objecto.

161. Verbo *transitivo* é o que enuncia uma acção que se exerce directamente sobre um objecto (Ribeiro, 1891, p. 73, grifo nosso).

Corroborando a ideia de que o uso pode acarretar alteração da predicação e transitividade verbal, Ribeiro ressalta que

Apezar de tudo tal classificação não é e nem pôde ser absoluta: muitos verbos empregam-se indiferentemente como *intransitivos* ou como *transitivos*, e quasi que não ha um só verbo *transitivo* em Portuguez que se não possa empregar como *intransitivo* (Ribeiro, 1891, p. 74, grifo nosso).

O autor pontua, ainda, o fato de o verbo poder ser “chamado” de *Terminativo*, vejamos:

quando o predicado n'elle contido exige um termo indirecto de *acção*: *dar*, *usar* são verbos terminativos porque os predicados *dante usante* (palavras ficticias) nelles contidos requerem termos indirectos de acção, ex.: «*Dar alguma cousa a alguém - usar de alguma cousa*». São terminativos verbos *intransitivos* e *transitivos* (Ribeiro, 1891, p. 76, grifo do autor).

Na segunda parte do compêndio, *Sintaxe*, o autor dedica parte do estudo à *Significação transitiva e significação intransitiva*, mencionando o verbo *chegar*, cuja predicação pode mudar devido ao sentido empregado.

493. Muitos verbos *intransitivos* assumem significação transitiva, quando têm sentido ficticio, isto é, quando o sujeito suscita no objecto a actividade expressa pelo verbo, sendo que essa actividade pertence ao objecto, limitando-se o sujeito a provocar apenas a manifestação della. Taes verbos são, entre outros muitos, *cessar*, *correr*, *crescer*, *demorar*, *descer*, *desesperar*, *entrar*, *levantar*, *montar*, *parar*, *passar*, *resurgir*, *resuscitar*, *subir*, *tinir*, *tocar*, *tombar*, ***chegar***, ex.: «*Cessamos o fogo – As ruas corriam sangue – Cresci-lhe o ordenado – Entramos estacas na terra – O general montou toda a infantaria*». A construção ordinária desses exemplos seria «*Fizemos cessar o fogo – Fiz-lhe crescer o ordenado, etc.*» (Ribeiro, 1891, p. 266, grifo nosso).

Conforme se vê, na **Grammatica Portugueza** não há registros sobre os verbos *chegar*; *ir*; *vir* com acepção de movimento/deslocamento físico; por esse motivo, recorreu-se à parte dedicada ao estudo das preposições como investida de encontrar novas informações que também se mostrou infrutífera. Constatou-se, então, que essa obra não aprofunda questões relativas à predição e à transitividade, em especial dos verbos sob análise no presente estudo.

5.1.2 *Grammatica Descriptiva Baseada nas Doutrinas Modernas*, de Maximino Maciel

A escolha por esta obra se justifica por ela ter sido reeditada 12 vezes, inclusive com edição póstuma em 1921. Maciel (1918), num estudo sobre verbos registra que a predicação completa é aquela em que os verbos não exigem complemento (“*O moço duque vela porém*” p. 315) e que a predicação incompleta é aquela em que se exige um complemento, que pode ser um objeto (direto,

indireto ou os dois) ou um adjunto predicativo, conforme se lê, respectivamente, nas estruturas seguintes extraídas da obra: “Condenava a arte esta anciedade de saber”, “Então a Mãe disse para elle maguado”, “Era o dia chuvoso e os caminhos muito lodosos” (Maciel, 1918, p. 316). Maciel lista um conjunto de verbos, aos quais hoje chamamos de ligação, cujo complemento é um adjunto predicativo: Adjuntivo, desde que a significação, em vez de objecto, exija apenas um adjunto predicativo: taes são *ser, estar, andar, ir, vir, ficar, permanecer, continuar* (Maciel, 1918, p. 129, grifo do autor). Somente nesse momento Maciel faz referência aos verbos *ir* e *vir*, mas, como se vê, não no sentido que aqui estamos analisando.

Tal como ocorreu em Júlio Ribeiro (1891), Maciel (1918) também não faz referência à predicação de verbos de movimento, em especial *chegar/ir/vir*.

5.1.3 *Grammatica Expositiva – Curso Superior*, de Eduardo Carlos Pereira

Esta obra foi escolhida para fazer parte de nossa pesquisa porque foi considerada, em sua época, início do século XX, uma grande referência, e as três primeiras edições foram reeditadas 259 vezes: a primeira teve 96 reedições; a segunda, 153; e a terceira, 10. Quanto ao tema em análise, o autor explicita que o verbo é classificado em relação ao complemento que se agrega a ele, havendo, então, cinco tipos: *transitivo* ou *objetivo*; *intransitivo* ou *subjetivo*; *relativo*; *transitivo-relativo* e *ligação* ou *conectivo*” (Pereira, 1921, p. 145).

Para os limites deste artigo, vamos nos restringir apenas ao tipo *transitivo-relativo* que é determinado, segundo Pereira (1921), como sendo de *predicação incompleta* e que necessita de termo de relação, ou seja, um *complemento terminativo*, e é nesta classificação que são feitas referências aos verbos *ir* e *vir*, conforme “*Venho da cidade.*” e “*Vou para a Europa.*” (Pereira, 1921, p. 146). Assim, ‘da cidade’ e ‘para a Europa’ são os complementos terminativos (que, atualmente, dizemos objeto indireto) de ‘venho’ e ‘vou’, respectivamente.

Embora o autor não faça referência ao verbo *chegar*, vamos aqui assumir que, de acordo com a classificação dada por ele aos outros dois verbos de movimento *ir/vir*, o *chegar* também pode ser considerado transitivo-relativo e seu complemento é chamado de *terminativo*.

Gostaríamos de acrescentar tanto Pereira quanto Azeredo (2008) propõem a mesma classificação para a predicação dos verbos sob estudo, isso porque Pereira (1921) classifica esses verbos como TR porque necessitam de um termo de relação, ou melhor, um complemento terminativo. O linguista, por sua vez, também os classifica como TR, porque, ordinariamente, são seguidos de expressão locativa., e aqui vamos assumir se tratar de formas sinônimas complemento terminativo e expressão locativa.

5.1.4 Sintaxe Clássica Portuguesa, de Cláudio Brandão

O compêndio do autor, embora tenha sido publicado no período pós-NGB, em 1963, foi escolhida para esta análise porque Brandão apresenta-se contrário às propostas da NGB, uma vez que era contrário à maioria das modificações que vinham sendo impostas ao estudo das gramáticas, vindo nisso uma possível degradação da língua, segundo Noccioli e Carvas (2019).

Por não se tratar propriamente de uma gramática, mas um manual de sintaxe com face de gramática, a repartição é incomum, sendo encontrado o assunto do presente estudo nas primeiras páginas no capítulo intitulado *Complementos Objetivo e Terminativo*, no qual pudemos verificar as terminologias de predicação e transitividade verbal “*transitivo direto, transitivo indireto e intransitivo*”, sem definição para tais. O autor, em 1963, assim como foi verificado em Ribeiro (1981, p. 74) e conforme constataremos mais adiante em Cunha (1975, p. 149) e Bechara (1980, p. 205), aborda o aspecto da variabilidade da predicação e transitividade verbal.

No caso da tríade verbal sobre a qual tratamos aqui, Brandão (1963) arrola-os como *transitivos relativos* e acrescidos de *complemento terminativo* “Terminativo é o complemento, em geral, regido de preposição que serve de inteirar os substantivos e adjetivos, verbos e advérbios de significação relativa.” (Brandão, 1963, p. 68).

Conforme podemos constatar, de todas as quatro obras aqui analisadas, apenas as duas últimas, a de Carlos Eduardo Pereira e a Cláudio Brandão, fazem referência à tríade verbal chegar/ir/vir e os classificam como transitivos relativos e seus complementos são chamados de C. Terminativos. Apenas acrescentamos que ambos as análises é a mesma que o fez Azeredo (2008).

Vejamos, a seguir, como tratam desse assunto as gramáticas pós-NGB para cuja escolha consideramos as representativas de cada década de fins de 50 aos fins dos anos 70, num total de quatro obras.

5.1.5 Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa, de Artur de Almeida Tôrres

É possível perceber que o compêndio busca validar a importância da NGB e apresentar as suas vantagens, sendo considerada obra muito representativa da *Nomenclatura*, com seis publicações feitas no mesmo ano (1959) da instituição do documento metalinguístico. À vista disso, nos parece que Tôrres se sente na “obrigação” de formalizar, por meio de sua obra, as “exigências” da NGB, o que nos leva a concluir que esta gramática trata de um dos primeiros instrumentos linguísticos com base na NGB, mesmo com as “mais graves imperfeições”, nas palavras do próprio Tôrres (1959, p. 12).

Quanto à questão da predicação e transitividade verbal não há estudo no compêndio, muito menos um foco nos verbos *chegar, ir, vir* com ideia de movimento/deslocamento físico. Todavia, após

uma incursão mais cautelosa, percebemos que, na seção dedicada à *Sintaxe*, mais especificamente nas páginas voltadas para o estudo da Regência Verbal, sobretudo daqueles verbos que possuem duplo sentido a depender do uso ou do não uso da preposição, Tôrres menciona, pela primeira vez, os termos verbo de *ligação*, *intransitivo*, *transitivo direto* e *objeto direto* e *transitivo indireto* e *objeto indireto*, porém não há definições para tais e muito menos abonações que contemplem a tríade verbal.

Mais adiante, ainda no capítulo de *Noções de Análise Sintática*, na parte dedicada ao estudo dos *Termos Integrantes da Oração – Complemento Verbal*, o autor aborda as terminologias dos verbos a partir de seus complementos verbais – objetos “Complemento verbal é o elemento que completa a significação de um verbo *transitivo*. É representado pelo objeto direto, pelo objeto indireto ou por ambos ao mesmo tempo” (Tôrres, 1959, p. 205).

Tôrres (1959, p. 281) inclui um apêndice no qual confere especial atenção à NGB, informando seus pormenores, entretanto, nos transmite a impressão de não querer investir nem mesmo ter tempo hábil para desenvolver o assunto predicação e transitividade verbal, já que envolve aspectos sintático-semânticos para a conferência terminológica aos verbos *chegar*, *ir*, *vir*, conforme veremos nas outras três gramáticas selecionadas a seguir.

5.1.6 Gramática Secundária da Língua Portuguesa, de Manuel Said Ali

A princípio, na parte dedicada à *Lexicologia*, Said Ali, especificamente no tópico “Verbo”, Said Ali (1966) apresenta a definição dos verbos nocionais, sendo divididos em *transitivos* e *intransitivos*. Para o caso dos *transitivos*, esse é definido como “o verbo cujo sentido se completa com um substantivo em lugar do qual se podem usar as formas pronominais *o, a, os, as* [...]” (Said Ali, 1966, p. 94, grifo do autor). Já os verbos que não necessitam de outro termo, os “INTRANSITIVOS, não necessitam de outro termo, como *viver, morrer, andar*, e bem assim aqueles cujo sentido se completa com substantivo regido sempre de preposição. Se este substantivo tiver a partícula *a*, usar-se-ão em seu lugar as formas pronominais *lhe, lhes* [...]” (Said Ali, 1966, p. 94, grifo do autor).

Mais adiante, ainda no capítulo da *Lexicologia*, na seção dedicada ao estudo das Preposições, constata-se o exemplo com o verbo *vir* (seguido de “de”) : “Vínhamos *de* casa” (Said Ali, 1966, p.101). Sobre a preposição, nos diz o autor

pode ser um simples vocábulo, como nos exemplos precedentes, ou uma combinação de vocábulos, podendo chamar-se neste caso **LOCUÇÃO PREPOSITIVA** (ou **PREPOSICIONAL**). As locuções prepositivas são geralmente formadas de advérbios ou **LOCUÇÕES ADVERBIAIS** acrescidas da palavra *de* (em alguns casos *a* ou *com*) (Said Ali, 1966, p. 101, grifo do autor).

Sendo assim, ao analisar a abonação supracitada e considerando-se o que preconiza Said Ali,

podemos inferir que “vínhamos” trata-se de verbo *intransitivo* e “de casa” de locução adverbial de lugar. Essa hipótese é confirmada mais à frente, no capítulo *Sintaxe e Estilística*, momento em que o autor apresenta a seguinte abonação: “Chegaram aqui as embarcações.”, sendo o termo destacado denominado como um “Determinante Adverbial ou Adjunto Adverbial” e instituído como “acessório que acrescenta ao predicado o esclarecimento de lugar [...] Lexeologicamente falando, é um advérbio ou locução adverbial” (Said Ali, 1966, p. 127).

A análise dessa gramática nos leva a inferir que não houve a preocupação em analisar a predicação e a transitividade verbal especificamente; todavia, ao realizarmos uma investigação página a página, foi possível inferir que a terminologia que o autor confere à tríade verbal *chegar, ir, vir* é de verbos *intransitivos*, já que se apresentam acrescidos de *Determinante Adverbial ou Adjunto Adverbial* ou *Locuções Prepositivas* que, normalmente, são formadas de *Advérbios* ou *Locuções Adverbiais*, conforme as transcrições anteriores.

5.1.7 Gramática da Língua Portuguesa, de Celso Ferreira da Cunha

Cunha (1975), na seção dedicada à *A Oração e seus Termos*, espaço destinado à *Variabilidade de Predicação Verbal*, destaca o fato de a análise da transitividade verbal ocorrer “dentro da frase”. Percebemos, então, que Cunha está atento à questão de o verbo não ter apenas uma classificação, isto é, ora o verbo pode ser “empregado intransitivamente, ora transitivamente” (Cunha, 1975, p.149). Isso nos mostra que o autor está atento à influência sintático-semântica na categorização dos verbos.

Mais adiante, na seção dos termos acessórios, especificamente na classificação dos adjuntos adverbiais, o autor apresenta duas abonações com verbos da tríade “Chegamos afinal *a uma casa*” e “De noite foram *ao teatro*”; ou seja, os verbos *chegar* e *ir* estão arrolados na categoria dos *intransitivos*, já que possuem adjuntos adverbiais de “lugar aonde”. (Cunha, 1975, p.161). Todavia, na parte voltada ao estudo da Regência Verbal, o autor classifica o verbo quanto à predicação e transitividade verbal em duas nomenclaturas: intransitivo, cuja ideia é completa, e transitivo, cuja exigência é de sempre estar em acompanhamento de uma palavra de valor substantivo (objeto direto ou indireto) para integrar-lhe o sentido.

Por fim, em nota de rodapé, Cunha se respalda em Nascentes² para reiterar que em se tratando de verbos intransitivos de movimento, o “‘complemento de direção não pode ser considerado elemento meramente acessório’”. No caso da abonação proposta por Cunha “Volto de sua casa”, o adjunto adverbial sublinhado se refere a uma relação sintática necessária e não acessória. (Cunha, 1975, p.513-517).

² NASCENTES, Antenor. O Problema da Regência, 2ª edição, 1960, p. 17-18.

5.1.8 *Moderna Gramática Portuguesa – cursos 1º e 2º Graus*, de Evanildo Bechara

Antes de nos dedicar a esta obra, é necessário fazer uma consideração a respeito do seu nome *A Moderna Gramática Portuguesa cursos 1º e 2º Graus*. Isso porque, assim como a de Tôrres (1959), também está explícita a antecipação do adjetivo *moderna* no título, entretanto, não percebemos essa modernidade, quanto à sua estrutura, o que difere da de Tôrres, que buscava modificar as regras anteriores. Há, todavia, um aspecto que ressalta na apresentação do conteúdo, porque Bechara (1980) cita, em observações, as mudanças ocorridas com a NGB.

Quanto à intransitividade e transitividade verbais, elas aparecem na seção sobre *Sintaxe/Constituição do Predicado Verbal* da obra de Bechara, sendo definidas como: “Intransitivo é o verbo que não precisa de complemento para integrar o seu sentido, isto é, o verbo que basta a si.”, já para o segundo caso, o Transitivo, o autor assim conceitua “é o verbo que necessita de complemento que integre sua predicação.” (Bechara, 1980, 204-205).

Além disso, no campo das observações, Bechara faz uma importante ponderação na seção “Sentidos do objeto indireto” acerca dos verbos que expressam movimento, vejamos.

Poder-se-ia ainda acrescentar a classe dos *verbos transitivos adverbializados* que pedem como complemento uma expressão adverbial como: *Irei à cidade* ou *Voltei do trabalho*. A NGB não agasalhou, entretanto, este tipo de complemento, considerando-o, como veremos adiante, mero adjunto adverbial (Bechara, 1980, p.207, grifo do autor).

Em conformidade com que Bechara salienta, percebemos a necessidade de haver distinção entre *advérbios* que funcionam como *complemento* e *advérbios* que funcionam como *adjunto*. O complemento é essencial à estrutura oracional, já o adjunto não o é: nas estruturas “*Ir a São Paulo* e *Voltar do trabalho*”, ambos os verbos seriam melhor classificados quanto a sua predicação como *Transitivos Adverbializados*, todavia a NGB não dedicou especial atenção a esse fato, agrupando tudo e determinando esses verbos como sendo pertencentes à classe dos *intransitivos* (Bechara, 1980).

Para o autor, então, a tríade verbal deveria ser classificada como transitivo adverbializado e crítica a NGB que os classificou como intransitivos, e vai além, pois para ele, A classificação do verbo depende da situação em que se acha empregado na oração. [...] Assim não podemos, a rigor, falar em verbos intransitivos ou transitivos, mas em emprego intransitivo ou transitivo dos mesmos verbos (Bechara, 1980, p. 205, grifo do autor).

O QUADRO 1 a seguir nos permite ter uma visão mais pontual de como os autores, pré e pós-NGB, tratam do assunto aqui sob estudo:

Quadro 1 – Terminologia conferida aos verbos de movimento/deslocamento físico

OBRA	PREDICAÇÃO E TRANSITIVIDADE e TERMOS ADJACENTES		
	CHEGAR	IR	VIR
Pré-NGB			
Grammatica Portuguesa , Júlio Ribeiro (1891)	Não localizado		
Grammatica Descritiva Baseada nas Doutrinas Modernas , Maximino Maciel (1918)	Não localizado		
Grammatica Expositiva – Curso Superior , Eduardo Carlos Pereira (1921)	Transitivo- relativo/ /Complemento Terminativo	Transitivo- relativo/ Complemento Terminativo	Transitivo- relativo/ Complemento Terminativo
Sintaxe Clássica Portuguesa , Cláudio Brandão (1963)	Transitivo- relativo/ Complemento Terminativo	Transitivo- relativo/ Complemento Terminativo	Transitivo- relativo/ Complemento Terminativo
Pós-NGB			
Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa , Artur de Almeida Tôrres (1959)	Não localizado		
Gramática Secundária da Língua Portuguesa , Manuel Said Ali Ida (1966)	Verbo intransitivo/ Determinante ou Adjunto Adverbial	Verbo intransitivo/ Determinante ou Adjunto Adverbial	Verbo intransitivo/ Determinante ou Adjunto Adverbial
Gramática da Língua Portuguesa* , Celso Ferreira da Cunha (1975)	Verbo intransitivo/ Adjunto Adverbial	Verbo intransitivo/ Adjunto Adverbial	Verbo intransitivo/ Adjunto Adverbial
Moderna Gramática Portuguesa – cursos 1º e 2º Graus , Evanildo Cavalcanti Bechara (1980)	Verbo transitivo adverbial/ Complemento Adverbial	Verbo transitivo adverbial/ Complemento Adverbial	Verbo transitivo adverbial/ Complemento Adverbial

Fonte: Elaboração das autoras.

* Cunha, apesar de adotar a terminologia Adjunto Adverbial, conforme vimos anteriormente, acredita que se trata de uma categoria sintática necessária e não acessória.

Do exposto no Quadro acima, das quatro obras analisadas, que pertencem ao que aqui chamamos de pré-NGB, apenas dois autores conferiram aos verbos sob análise e seus complementos, uma classificação, ou seja, verbos transitivos relativos e complementos terminativos. Já as obras relativas ao período pós-NGB, três delas atribuem classificação aos verbos e seus complementos, duas delas classificam a tríade como intransitivo e os complementos são considerados adjunto adverbial, que são as classificações em vigor. O terceiro gramático apresenta uma classificação diferenciada de todas até então apresentada: verbo transitivo adverbial e complemento adverbial.

Azeredo (2008), como vimos, achou mais coerente classificar chegar/ir/vir no rol dos verbos transitivos relativos porque selecionam estruturas que indicam lugar seja de destino ou de origem. Essa classificação, de certo modo, se aproxima da classificação feita por Bechara (1980), pois ao classificá-lo como verbos transitivos adverbiais, tendo um complemento adverbial, Bechara utiliza uma

metodologia que está mais familiar aos alunos dos 1º. e 2º. graus; para além disso, entendemos que “estruturas que indicam lugar” podem ser chamadas de complemento adverbial, embora classificar lugar não seja a única função dos advérbios.

6 CONCLUSÃO

O processo de criação e aprovação da NGB foi, como vimos, impositivo e realizado “a toque de caixa”. Isso porque o MEC precisava dissipar a questão da multiplicidade de terminologias, pois isso causava transtorno tanto a alunos quanto a professores. Com relação a isso, a *Nomenclatura* foi importante, pois foram unificadas tais terminologias. Entretanto, como não houve uma discussão entre os “notáveis da época” que foram convidados a elaborá-la, acerca dos fatos linguísticos aos quais a terminologia deveria recair, foi feita uma generalização e, como era de se esperar, a NGB não atendeu devidamente às questões linguísticas.

Uma dessas questões a que nos referimos foi o assunto aqui discutido: a predicação verbal da tríade *chegar/ir/vir*, como *sentido de movimento/deslocamento*, e seus complementos, e a hipótese que embasou a pesquisa era a de que a classificação desses verbos como intransitivo e seus complementos, como adjunto adverbial foi uma inovação da NGB. Isso porque acreditávamos que, antes da instituição dessa *Nomenclatura*, os gramáticos atribuíam explicações e nomeavam os fatos linguísticos baseados, provavelmente, em conhecimentos históricos da língua, daí, talvez, a diversidade de terminologias, o que causava certo transtorno aos aprendizes.

Por isso, nosso objetivo era analisar gramáticas que haviam sido publicadas antes e depois da instituição da NGB e fazer um contraponto entre elas, a fim de verificarmos como tais obras analisavam e classificavam esse conjunto de verbo. Feito o cotejo entre essas gramáticas, verificamos que, da 1ª. fase, apenas dois autores, Carlos Eduardo Pereira e Cláudio Brandão, analisam os verbos sob análise, atribuindo-lhes a classificação de Transitivo-Relativo e seu complemento recebeu a classificação de Terminativo. Já aqueles autores da 2ª fase, apenas dois, Said Ali e Celso Cunha, apresentaram a mesma classificação verbal e seu complemento, como Intransitivos e adjunto adverbial, respectivamente. Já outro autor, Evanildo Bechara, embora reconheça que a NGB atribui à tríade a classificação como Intransitivo e seu complemento como Adjunto Adverbial, não acha que tais nomenclaturas metalinguísticas sejam as mais apropriadas, achando mais adequado classificá-los como Transitivo Adverbiado com Complemento Adverbial. Em outros termos, a classificação dada pela NGB à predicação verbal da tríade continua sem um consenso entre os estudiosos da língua, e o uso da terminologia não ficou uniforme conforme

queriam os “notáveis” dos anos 50. Isso, provavelmente, é resultado de uma proposta feita às pressas e sem considerar os estudos dos linguistas da época.

Conforme mencionamos na Introdução, o gatilho para a proposição desta pesquisa foram os questionamentos dos alunos da educação básica quanto à classificação atribuída aos verbos *chegar/ir/vir* com ideia de deslocamento/movimento como Intransitivos, tendo como complemento um adjunto adverbial, termo acessório da oração. Para os alunos, esta classificação era inconveniente, visto que tais verbos não possuem sentido completo, sendo necessária a presença de seu “adjunto adverbial”, daí surgia outra dúvida: se é necessário, como o adjunto adverbial poderia ser um termo acessório da oração? Tais questionamentos nos remeteram à crítica que fizeram Perini e Fulgêncio (2011) à NGB, quanto à classificação dos verbos em quatro tipos: (i) verbo de ligação; (ii) verbo transitivo direto; (iii) verbo transitivo: direto, indireto; (iv) verbo intransitivo. Segundo eles, esse sistema de quatro classes é inadequado “com qualquer exame dos dados” (p.272), isso porque, para eles, as subclasses dos verbos “são pelo menos da ordem de muitas dezenas” (p. 272).

Vimos que os questionamentos dos alunos eram bastante pertinentes e, por isso, agradecemos a eles por não concordarem com o que falamos em classe; que haja mais alunos que indaguem o “conhecimento produzido”.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa: cursos de 1º e 2º graus. 25. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1980.
- CUNHA, Celso Ferreira da. Gramática da língua portuguesa. 2.ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1975.
- BRANDÃO, Cláudio. Sintaxe clássica portuguesa. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.
- BRASIL. Portaria n. 36, de 28 de janeiro de 1959. Nomenclatura Gramatical Brasileira. Disponível em: < <http://people.ufpr.br/~borges/publicacoes/notaveis/NGB.pdf> >. Acesso em: 20 de julho de 2024.
- ELIA, Hamilton; ELIA, Sílvia. Nova nomenclatura gramatical brasileira. 2. ed. aum. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, [19--].
- HENRIQUES, Claudio Cezar. Nomenclatura gramatical brasileira: 50 anos depois. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- JUCÁ, Cândido Filho. 132 restrições ao anteprojeto de simplificação e unificação da nomenclatura gramatical brasileira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1958.
- KURY, Adriano da Gama. Pequena gramática: para explicação da nova nomenclatura gramatical. 12. ed. Revista. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1970.
- MACIEL, Maximino. Grammatica descriptiva. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1918.
- NOCCIOLI, Carlos A. M; CARVAS, Giovanna M. A. Gramática: ensino da disciplina metalinguística na cultura ocidental brasileira. História da ciência e ensino, v. 20 especial, 2019.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Vão surgindo sentidos. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas - SP: Pontes, 1993.
- ORLANDI, Eni P. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. In: CARROZA, Guilherme; SANTOS, Mirian dos; DAILVA, Telma Domingues (Orgs.). Sujeito, Sociedade, Sentidos. Campinas: RG, 2012.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. Grammatica Expositiva: curso superior. 11.ed. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1921.
- PERINI, Mário A.; FULGÊNCIO Lúcia M.B. A NGB aos cinquenta anos. In: André C. Valente, Maria Teresa G. Pereira (org.). Língua Portuguesa: discussão e ensino. SP: Parábola, 2011, p. 267-280.
- RIBEIRO, Julio. Grammatica portugueza. São Paulo: Teixeira & Irmão, 1891.

SAID ALI, M. Gramática secundária da língua portuguesa. 7. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

TÔRRES, Artur de Almeida. Moderna gramática expositiva da língua portuguesa. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo da Cultura, 1959.